



Le Point: O que lhe inspira esta paragem forçada da actividade humana, estas cidades mortas, estes aviões, estes estádios e estas escolas vazias, esta forma de reconexão com os grandes medos medievais, o pensamento apocalíptico?

Peter Sloterdijk: É preciso antes de mais constatar que vivemos na era da sobre-reacção. Desde há um século pelo menos, a simetria do par acção/reacção, estabelecida por Newton, e estudada por Starobinski ao nível da sua aplicação cultural e política, foi ultrapassada por uma assimetria em favor da acção. Ser moderno quer dizer acreditar no primado do agir. Portanto, no momento em que nos encontramos, por uma vez, numa situação que nos imporia um pouco de passividade, escolheu-se a fuga pelo activismo exagerado. Encontramo-nos no caso de uma hiper-alergologia por referência a agentes que nos farão eventualmente sofrer. Assim, porque um contágio sobrevém devido a

um novo membro do universo microbiótico acerca do qual não se sabe grande coisa, fecham-se todas as escolas, mesmo sabendo que as crianças não estão ameaçadas, já que dispõem de uma imunidade natural, espantosa, de resto. Doravante, todo o mundo, absolutamente todo o mundo, é convidado a sentir-se ameaçado. E o homem é de tal maneira disposto a fantasmarse ameaçado que uma boa parte da população europeia assume já a ideia de fazer parte de uma espécie em vias de extinção!

Faz-se demais? Os Franceses foram porém acusados de não fazer o suficiente...

Digamos que o sistema do stress do homem contemporâneo está habitualmente sub-ocupado. E aqui, em face de um novo inimigo do género humano, ele desperta. O superego colectivo parece impor aos governantes não falhar nenhum dos seus deveres «maternantes». Nomeadamente a promessa da esperança de vida de 80 anos e mais, que devem absolutamente reter sob pena de ver os seus administrandos sentirem-se traídos. A fuga em frente é então a única forma de se desculpabilizar, sobretudo para os membros do complexo médico-político. É também para eles uma maneira de se desresponsabilizarem. Se se faz dez vezes demais, então ninguém poderá ser declarado culpado de negligência.

Acusa os responsáveis de agir sem razões suficientes?

A vantagem de um vírus – contanto que seja o resultado de uma mutação espontânea e não, com a sua redondez perfeita de bola de futebol, uma criação de laboratórios de guerra biológica – é o de poder ser atribuído à dimensão que nomeamos «natureza». No entanto, o direito de defesa contra agressores naturais é raramente posto, politicamente, em questão... A crise «corona» exhibe assim todos os sintomas de uma tomada de poder pela «seculo-cracia» camuflada sob as aparências de uma «médico-cracia» benevolente. Anunciam-se-nos cada dia a contagem dos mortos – dia 16 de Março, três mortos na

Baviera – mas continua-se a ignorar que na Alemanha, em tempos normais, há uma mortalidade de quase 3000 pessoas por dia. Em 2017, o Gabinete de estatística federal contou 932272 mortos, na grande maioria devido aos flagelos da nossa época, de que não é necessário pronunciar os nomes médicos. Em França é semelhante: 2000 mortos por dia. Ninguém fala deles – com a excepção dos pequenos avisos de falecimento colados nas portas das mercearias de aldeia. O novo vírus de proveniência chinesa não é senão um dos múltiplos pseudónimos da mortalidade humana média. Não se quer ver que ela sempre fez o seu trabalho com aplicação, bastante serenamente, e na maior parte do tempo sem a participação da imprensa e dos chefes de Estado.

Quer dizer que, com a actual crise sanitária, a mortalidade geral não encontrou senão uma causa suplementar? Macron, no entanto, fala de «guerra»...

Conduzem-se por vezes falsas guerras. As medidas de precaução contra um vírus desconhecido não têm nada que ver com uma mobilização ao combate militar. Pelo contrário, desmobiliza-se à força de utilizar metáforas belicistas. Enquanto admirador do presidente francês, teria preferido que lhe dessem conselhos no sentido da retórica pacífica.

Esperava-se o caos da contestação política ou de uma agitação geopolítica no Médio-Oriente ou na Ásia, mas eis que surge de uma doença...

Não é o caos que surge desta doença mas, de modo bastante antiliberal, o fantasma da ordem reencontrada. Curiosamente, isto assemelha-se um pouco ao estado de excepção com que sonhavam certos pensadores políticos dos anos 1920 e 1930, há um século, como Carl Schmitt. Para ele, o soberano, é aquele que decide do estado de emergência. E a validade de uma decisão não é determinada pelo seu conteúdo mas pelo facto que ela é tomada por uma autoridade considerada legítima. Pergunto-me se não vivemos um momento histórico louco. Fecham-se as fronteiras quando toda a gente sabe que um vírus

viaja sem passaporte. Se não fossem as consequências destas decisões, seria até um pouco cómico, como nas peças do século XVII onde um histrião e o grande médico de fato negro e longo nariz se encontravam. Veja o que se passou em Itália, onde as pessoas confinadas cantam ópera nas varandas, em mundovisão! Tocando música nas varandas, troça-se da sua própria submissão à ditadura médico-colectivista.

Alguns convidam os seus contemporâneos a mudar a sua maneira de viver e a romper com a hipermundialização e a interdependência que vai a par... É o fim de um mundo ou simplesmente uma pausa?

Sobre as autoestradas francesas, lia-se em tempos um painel com estas palavras: «Após algumas horas a pausa impõe-se.» É uma divisa útil para um mundo ultra-acelerado. Vejamos se a desaceleração dos processos à escala global conduz a algo de positivo. Eu não creio. A peste do século XIV não fez parar a ascensão da Europa e o vírus, mil vezes mais inocente, não fará parar a da China.

Parece que, de resto, se resolve na China. Trata-se da vingança dos modelos autoritários sobre as democracias, julgadas demasiado laxistas, não suficientemente protectoras? Em França, as autoridades mantiveram as eleições, o que deu muito murmúrio.

Não se inquiete, o sistema ocidental irá revelar-se tão autoritário quanto o da China. O erro capital, connosco como com eles, é o de proteger a quase totalidade daqueles que não estão tão ameaçados e de negligenciar a protecção dos grupos de risco aumentado.

«Nós, Europeus, seremos salvos pela nossa mediocridade enérgica», dizia-nos da última vez. Mas a Europa, reclinada sobre as suas nações, existe ela ainda? Ou apenas nas palavras do presidente francês?

Fico bastante contente que reste na Europa pelo menos um Europeu! Sejam sérios: não se pode dizer que a Europa terminou. Hoje, é verdade, um número importante de nações europeias formata a sua política imunológica segundo as fronteiras nacionais. Mas não se trata necessariamente de um reprego identitário, antes a expressão do facto de que a faculdade de agir de acordo com a legislação em vigor está restringida ao espaço dos direitos nacionais. Todas estas restrições vão desaparecer uma vez que a crise esteja superada. Tanto pior para esta parte da população que sentia uma certa satisfação – como se o stress da globalização, da concorrência mundial, da ditadura da mobilidade tivesse sido suspenso. Erro. Tudo isto vai ser retomado mais ou menos rapidamente e mais forte do que antes, sob pretexto de se dever compensar as perdas.

Enquanto se espera, como sair disto?

Antes de mais, já que vamos estar confinados e que vamos poder ler mais, relendo antes Boccaccio em vez de Camus! Explico-me. Neste momento, fala-se muito da Peste, de Camus, que, creio, batia recordes convosco nas livrarias. Antes de encerrarem... O verdadeiro assunto da Peste seria, Camus ele mesmo o teria escrito a Barthes: «a resistência europeia contra o nazismo». Dificilmente transponível... Camus não é a boa peste. Mas o Decameron, de Boccaccio, oferece pistas... Esta obra prima foi escrita aquando da maior crise que a Europa conheceu, a Peste negra do século XIV, provocada pela guerra biológica conduzida contra uma cidade de comerciantes, Caffa, na costa do mar Negro, que era parceira de Génova. O Decameron é uma história de confinamento em meio rural. Para se divertirem face ao mal que atinge a cidade, dez jovens florentinos partem sobre as colinas e instauram uma regra simples: cada um deverá, cada dia, contar uma história aos outros. Segundo um tema previamente escolhido por aquele ou aquela que é eleito(a) rei ou rainha do dia. No primeiro dia, fala-se «daquilo que é o mais agradável a cada um». No segundo, «daqueles que atormentados pelo azar, acabam além de toda a esperança por

escapar de boa». Em suma, contam-se histórias que dão vontade de viver. Nada melhor, neste momento! Variante muniquense: no pico de uma epidemia de peste no século XIV, os tanoeiros dançavam na rua da cidade para reanimar o espírito colectivo... Outra pista: estudar uma ciência inexistente, a labirintologia.

A labirintologia?

No sentido próprio, a ciência dos labirintos. Num labirinto, é preciso esperar não encontrar o caminho de saída à primeira tentativa. Tudo depende da boa memória que se tem das bifurcações. Por agora – diante da bifurcação «deixar andar» ou «confinamento» – o mundo dito «razoável» optou pela segunda opção, tão louca quanto possa parecer com os seus *diktats* desmesurados. Finge-se vencer o inimigo obscuro opondo-lhe um máximo de obstáculos, enquanto ao mesmo tempo os especialistas de imunologia nos explicam que não se chegará a um estado de nova normalidade senão na altura em que dois terços ou três quartos da população terão atravessado o seu episódio individual com o vírus. Portanto, tentando evitar a todo o custo a propagação do agressor desconhecido, escolhe-se uma bifurcação que conduzirá a uma porta condenada. Em breve, ver-se-à que a politologia, a imunologia, a ecologia e a labirintologia se encontram em face de um conjunto de desafios comuns. Trabalhemos então esta nova ciência, teremos necessidade dela!

•

Peter Sloterdijk

Filósofo alemão, nasceu em Karlsruhe em 1947, professor na Universidade de Arte e Design de Karlsruhe, autor de *Crítica da Razão Cínica* e *Regras para o Parque Humano*, publicados em português.

Nota da edição

Esta entrevista foi originalmente publicada no *Jornal Le Point*, a 18 de Março de 2020. A tradução foi realizada por Luís Carneiro.